

NAS ÁGUAS DE GUIMARÃES ROSA: MARCAS DE REGIONALIDADE EM “SAGARANA”

Odair José Silva dos Santos¹

RESUMO: A obra “Sagarana”, de Guimarães Rosa, torna-se singular à medida que suas narrativas são constituídas de marcas particulares: linguagem, traços e marcas inerentes ao sertão mineiro. Fazendo abordagens a partir dos contos de “Sagarana”, o objetivo do presente texto é desenvolver algumas discussões sobre *região*, *regionalidade*, *regionalismo* e *regional* no campo da literatura, percebendo que cultura e identidade, bem como produções discursivas caracterizam, simbolicamente, uma *região*; reflexões possíveis a partir das contribuições de Arendt (2012), Barcia (2004), Bourdieu (1996), Certeau (1994), e Joachimsthaler (2009). No tocante aos contos, é possível qualificá-los como *regionais*, ao passo que transcendem aspectos como linguagem, léxico, visões de mundo, costumes e substratos míticos, constituindo traços pertencentes a uma *região*.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Regionalidade; Literatura Regional; “Sagarana”.

ABSTRACT: The book "Sagarana", by Guimarães Rosa, becomes singular as his narratives consist of private label: language, features and marks inherent to the Minas Gerais hinterland. Making approaches from the tales of "Sagarana", the purpose of this article is to develop some discussions on *region*, *regionality*, *regionalism* and *regional* authorities in the field of literature, realizing that culture and identity, as well as discursive productions featuring symbolically a region; possible reflections from the contributions of Arendt (2012), Barcia (2004), Bourdieu (1996), Certeau (1994), and Joachimsthaler (2009). As regards the stories, you can qualify them as *regional*, while transcend aspects such as language, lexicon, world views, customs and mythical substrates, constituting traits belonging to a *region*.

KEYWORDS: Culture. Regionality. Regional literature. “Sagarana”.

E deu com um rio, verde e guardado, um rio que a gente encontra sempre assim de repente, rio vivo, correndo por entre os matos, como um bicho.

(Sagarana, p. 174)

INTRODUÇÃO

As discussões em torno de *região* ganham espaço à medida que é possível percebê-la com fronteiras difíceis de serem delimitadas, visto que pode oscilar de um plano a outro, do geográfico para o cultural, por exemplo. Segundo Bourdieu (1996, p. 112), “o mundo social é também representação e vontade;

¹ Doutorando em Letras na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – odairzile@hotmail.com

existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto”; é nesse viés que os sujeitos pertencentes a uma determinada *região* estigmatizam e são estigmatizados, identificando-se como distintos e deixando transparecer marcas e características de *regionalidade*.

No plano cultural, essas características constroem-se num processo simbólico e de representações. Entretanto, há espaços que não são definidos propriamente como uma *região* ou como *regional*, posto que os atores sociais pertencentes ao local não acionam identidades específicas ou marcas culturais aliadas ao espaço no qual nasceram ou vivem. Ainda, no que tange aos aspectos literários, percebemos que há presença de uma *literatura regional* e uma *literatura regionalista* que são percebidas através de seus espaços de produção e recepção, bem como as respectivas motivações para a escrita da obra.

Nesse sentido, o presente artigo visa a expor aspectos de *regionalidade* presentes na obra “Sagarana”, do autor mineiro João Guimarães Rosa, levantando aspectos como léxico, cultura, identidade, visões de mundo, costumes e substratos míticos que ajudam a construir simbolicamente marcas de *regionalidade* e de pertença a uma determinada *região*. Para tanto, o texto encontra-se dividido em duas partes: na primeira serão discutidas questões a respeito de região, regionalismo e regionalidade; na segunda, serão abordados esses traços na obra de Guimarães Rosa.

2

REGIÃO, REGIONALISMO E REGIONALIDADE: ALGUNS APONTAMENTOS

No âmbito da geografia, uma *região* pode ser pré-definida a partir de questões como cultura, aspectos naturais ou sócio-econômico-políticos. Transcendendo à realidade natural, a região estabelece relações de poder no âmbito do capital, da cultura e do intelectual, pois é vista, sobretudo, num plano de construção simbólica (BOURDIEU, 1996). A partir dos estudos de Certeau (1994), a *região* pode ser vista como “um lugar praticado”, como num processo de leitura e releitura de um escrito emanando uma via dupla de escritas e interpretações de culturas (CERTEAU, 1994, p. 202).

Pozenato (2003), ao abordar a ideia de região, busca a designação inspirada em Benveniste e idealiza essa como “uma divisão do mundo social

estabelecida por ato de vontade” (POZENATO, 2003, p. 150). Região constitui-se como uma rede que interliga processos culturais; *regionalidade*, nesse ponto, é vista “como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação”, formada a partir de práticas sociais que dão atributo a uma região. O regionalismo, por sua vez, é “uma espécie particular de regionalidades” (POZENATO, 2003, p. 151).

Na perspectiva de Joachimsthaler (2009), a *região* “torna-se um espaço cultural para os nela nascidos ou para os que a ela se dirigiram, por meio da consciência de sua particularidade, por meio do desenvolvimento do acúmulo cultural casual num sistema de (auto)criação” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 30-1). Percebe-se, então, a *região* também como espaço de cultura, já que as ações simbólicas encontram-se interligadas num construto que “permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, as suas necessidade e seus projetos” (CUCHE, 2002, p. 10).

Seguindo os pressupostos de Bourdieu (1996), alude-se para o fato de que a ideia de *região* está associada a uma oposição de nação, ao passo que só há a primeira quando há a segunda. Uma região está inteiramente relacionada com periferia², construindo-se em contraposição aos centros.

Joachimsthaler (2009) menciona que cada cultura possui um espaço, contudo espaços de cultura nem sempre concretizam uma região. A *região* constrói “identidade, lealdade, proteção e pertencimento, garante e une, prende e protege” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 31). Com isso, o espaço regional desenvolve estereótipos próprios e particulares como marcas dialetais e maneiras diferentes de hábitos.

Desse ponto de vista, a *regionalidade*, advinda da ordem da representação, é a característica de ser *regional*, qualidade de estar ou pertencer a uma *região*. Assim, entrava-se a questão de abordagens a partir do que vem a ser *regional* ou não; “o *regional* coloca-se como um elemento significativo da representação de identidade” (SANTOS, 2009, p. 3).

No âmbito literário, há discussões como *literatura na região* (inventário sócio-literário das produções literárias dentro de uma determinada região

² Neste caso, periferia está no sentido de oposição ao centro, ou seja, o que fica “ao redor”.

definida) e *literatura regional* (produções que constroem uma identidade para os sujeitos de uma região) (JOACHIMSTHALER, 2009). Dentro dessa perspectiva,

O conjunto de elementos passíveis de estudo na literatura regional deve avançar até aspectos históricos e sociais, desviando da tradicional polarização entre regional e universal. Isso significa dizer que, mais do que emitir juízos valorativos, é o contexto de produção e recepção das obras literárias que precisa ser investigado, para se chegar à dinâmica literária em escala reduzida, ou às paisagens literárias (ARENDETT, 2011, p. 235).

Para Barcia (2004, p. 41), a distinção entre *literatura regional* e *literatura regionalista* encontra-se bem pontuada: a primeira não propõe marcas positivas nem negativas, mas apenas corresponde ao descritivo e subjetivo, destacando as características imanentes a uma região; a segunda alude para características que ora exaltam o regional, ora dão atributos pejorativos. Nesse contexto, Chiappini defende *literatura regionalista* como:

Manifestação de grupos e escritores que programaticamente defendem sobretudo uma literatura que tenha por ambiente, tema e tipos uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gostos citadinos, sobretudo das grandes capitais (CHIAPPINI, 2005, p. 153-4).

4

Conforme a autora, a essa tendência infere marcas que transcendem simples aspectos correntes e que habitam em concretização imaginárias e/ou fantasiosas, usando de artifícios como a linguagem para assim nomear fauna e flora, ideais que podem afirmar o regional como distinto. Na *literatura regional* se refletem manifestações sociais, identitárias, culturais e políticas em uma região. Barcia (2004, p. 37) aponta elementos que constituem uma região cultural, dentre estes, destacamos:

- O fator espaço, comunidade de fauna e flora;
- Costumes, usos, economia;
- Língua: peculiaridades regionais;
- Concepção de mundo, percepção da realidade;
- Substratos míticos e patrimônio lendário.

A partir desses aspectos, na sequência serão explorados alguns desses pontos na obra de Guimarães Rosa “Sagarana”.

O REGIONAL E O PARTICULAR NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA

A estreia de Guimarães Rosa no mundo das letras iniciou-se de forma tímida em 1929, com quatro contos (publicados em um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*). Contudo, já em 1930, ganha o prêmio da Academia Brasileira de Letras com uma coletânea de poemas intitulada “Magma”, que não chegou a publicar (LUFT, 1969, p. 336). A partir de então, seguem as publicações de “Sagarana” (1946), “Com o vaqueiro Mariano” (1947), “Corpo de Baile” (1956 - atualmente publicado em três partes: “Manuelzão e Miguilim”; “No Urubuquaquá, no Pinhém” e “Noites do sertão”), “Grande Sertão: Veredas” (1956), “Primeiras estórias” (1962), “Tutaméia: Terceiras estórias” (1967), “Estas estórias” (1969), “Ave, palavra” (1970), sendo as duas últimas obras póstumas (BOSI, 2006). É relevante destacar que o autor só publicou seu primeiro livro aos 38 anos, que desvela uma maturidade de experiências vividas. Enfatiza-se, também, o espaçamento entre suas publicações que não são dadas anualmente, mas num espaçamento maior.

Conforme Arendt (2010), Guimarães, ao escrever uma carta para o amigo João Condre, revela que antes de escrever “Sagarana” passou durante muitos dias lembrando e se “revestindo” de um ser sertanejo, “como se houvesse a necessidade de transvestir-se em vaqueiro, de mergulhar a fundo no seu universo de valores, de aproximar-se ao máximo da matéria a ser narrada, para poder exprimi-la com propriedade” (ARENDR, 2010, p. 188).

A obra roseana não obteve apenas o reconhecimento no cenário nacional, mas também em muitos países, alcançando a tradução para o francês, o italiano, o espanhol, o inglês e o alemão (BOSI, 2006). Reafirmando essas ideias, narrativas como “A hora e a vez de Augusto Matraga” e “Duelo” chegam ao cinema para reafirmar o prestígio pela escrita de Guimarães (CHIAPPINI; VEJMEKKA, 2009). No circuito das traduções, percebe-se, entre os estudiosos da área, que apesar das dificuldades de alguns tradutores verterem as escritas de Guimarães para outras línguas, houve grande reconhecimento e algumas controvérsias, como aponta Vasconcelos: “[...] Os nove contos de “Sagarana” vertidos para o inglês são apresentados como “encantadores”, “líricos”, uma

“diversão”, enquanto resenhistas ora julgam que a tradução é “impecável”, ora opinam que ela não lhes fez justiça. ” (VASCONCELOS, 2009, p. 72).

As nove narrativas de “Sagarana” (“O burrinho pedrês”, “A volta do marido pródigo”, “Sarapalha”, “Duelo”, “Minha gente”, “São Marcos”, “Corpo fechado”, “Conversa de bois”, “A hora e vez de Augusto Matraga”) trazem, como nota de entrada, uma quadra que exala aspectos da cultura local e, ao longo das narrativas, percebe-se uma grande proximidade com costumes, linguagem, geografia e história do sertão mineiro. O título da obra foi construído “pela expressiva sufixação do nórdico vocábulo ‘saga’, com a desinência indicadora de coletivos ‘rana’, em tupi-guarani” (CHIAPPINI, VEJMEKKA, 2009, p. 318). A obra traz traços e marcas relativas ao sertão mineiro, o que é perceptível já nas primeiras páginas do livro, onde encontramos uma “quadra de desafio”:

Lá em cima daquela serra,
Passa boi, passa boiada
Passa gente ruim e boa,
Passa a minha namorada. ” (ROSA, 2012, p. 07)

6

No contexto da crítica literária, estudiosos como Coutinho (1998), Sodré (1995) e Bosi (2006) tomam a obra do autor como *regionalista* ligada a uma forma “inovadora” e “original”. Já na apresentação da obra, Paulo Rónai define que Guimarães “apresenta-se como o autor regionalista de uma obra cujo conteúdo universal e humano prende o leitor desde o primeiro momento, mais ainda que a novidade do tom ou sabor do estilo” (ROSA, 2012). Entretanto, que marcas evidenciam as narrativas de “Sagarana” como *regionalistas*? Como as noções de *região*, *regionalidade*, *regionalismo* e *regional* são abordadas no campo da literatura?

O primeiro aspecto observável em “Sagarana” é a linguagem, uma vez que “a força simbólica da língua funciona como uma bandeira hasteada” (POZENATO, 2003, p. 155). Há nos contos expressões que marcam a fala mineira, tais como “uai” ou “mesmando”; também há a contração de palavras e expressões, como ocorre no conto “Duelo”: “... Foi buscar rapadura na Coanxa... Amanhã cedinho ele ‘tá’qui ‘tra vez...” (ROSA, 2012, p. 168). Nesse mesmo viés, surgem construções peculiares e típicas do sujeito que vive no interior mineiro

como a frase dita pela personagem Turíbio Todo em “Duelo”: “Pega à unha, João-da-cunha!...” (ROSA, 2012, p. 166).

No campo da linguagem, o léxico é uma característica relevante como elemento de *regionalidade*, pois pode ser encarado como “a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 09). Percebemos, em “O burrinho pedrês”, a caracterização do gado levado para venda como “galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros [...]” (ROSA, 2012, p. 48). Esses itens lexicais podem ser vistos como específicos à atividade pecuária, ou mesmo ao meio rural, o que revela traços peculiares na linguagem do conto. Além disso, os vocábulos do trecho marcam ritmo e sonoridade, como se fosse o “embalo” do gado no trajeto que se tem a cumprir.

Também existe na obra a presença de outras lexias como “araticum”, “piabinha”, “jurujuba”, “dinheiro-em-penca” e “beicinho-de-sinhá”, que se constituem como designações encontradas especificamente em determinadas regiões, como no caso do sertão mineiro. Assim, elementos da fauna e flora remontam especificidades regionais, conforme as ideias supracitadas de Barcia (2004).

Nessa mesma perspectiva, o léxico toponímico nas ocorrências “Belorizonte”, “Paraopeba”, “Pará”, “Montes da Transmantequeira”, “riacho da Fome” e “mato das Três Águas” se constituem regionalmente num universo de elementos lexicais que tendem “a incorporar uma porção significativa do vocabulário de cunho regional veiculado pelos habitantes de um espaço geográfico” (ISQUERDO, 2012, p. 117).

O léxico por si só não caracteriza “Sagarana” como regional, mas auxilia na construção de marcas de *regionalidades*, uma vez que “uma região cultural é composta por especificidades (assim, no plural) materiais e imateriais – regionalidades que armam um tecido complexo e flexível, o qual se mostra sempre outro a cada novo olhar” (ARENDETT, 2012, 89). Desse modo, os

topônimos, palavras peculiares da fauna e flora, aliados ao discurso produzido no contexto das narrativas, servem como elementos que marcam *regionalidades*, “especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural”. (ARENDETT, 2012, p. 91).

No âmbito discursivo, há um grande arsenal de causos, crenças e hábitos que se constituem como peculiaridades do sertão mineiro, ou ainda, como marcas do sujeito que ali vive. Em “O burrinho pedrês” e “Duelo”, existem diversos exemplos de “causos” que revelam as crenças populares do lugar: na voz de Raymundão ao narrar “onça é bicho doido para caminhar, e que anda só de noite, campeando o que sangrar...” (ROSA, 2012, p. 53); e na de Chico Barqueiro, ao relatar para Turíbio Todo que “este veio de longe... os que vêm de perto, param quando chegam na deixa do rio” (ROSA, 2012, 172). Na narrativa “São Marcos”, notamos a presença de diversos versos que conduzem a peculiaridades linguísticas, como:

Teus olho tão singular
Dessas trançinhas tão preta
Qero morer eim teus braço
Ai fermosa marieta. (ROSA, 2012, p. 246)

Outras crenças e hábitos são visíveis em situações como na narrativa “O burrinho pedrês”: os vaqueiros ao passar o rio percebem que pelas águas descem “folhas de buriti” e declaram ser um sinal de enchente, esse indício é complementado pelo conhecimento comum dos vaqueiros de que “a lua não é boa... ano acabando em seis” (ROSA, 2012, p. 55). Também é destacável em “Minha gente” a ocorrência do saber específico de questões do contexto da tropeirada, resultado da vivência no âmbito rural: “o senhor não está vendo o lugarzinho da pata do bicho? Pois é rastro de boi de arribada. Falta a marca da ponta. Boi viajando gasta a quina do casco...” (ROSA, 2012, p. 195). A visão de mundo, crenças e hábitos se inscrevem num “patrimônio do grupo”, transcendendo representações individuais, como afirma Pelinser: “no caso de *Sagarana*, a regionalidade atua de forma a fornecer a base narrativa, despejando elementos inusitados quando trabalhados pelas lentes do escritor, sem engessar as possibilidades de significação” (PELINSER, 2010, p. 118).

A visão de mundo de alguns sujeitos pode ser contemplada, como no conto “Corpo fechado”, em uma conversa de Manuel sobre Miligido, em que exala questões de preconceito racial:

- Esse era bom... Homem justo. O que ele era era preto... Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto... Eu acho que ele era preto até por dentro! Mas foi meu amigo. Valentão valente, mesmo. Um dia ele me deu uma escova de dente, quase nova... Eu acho que ele encontrou a tal nalgum lugar e não sabia que serventia aquilo tinha (ROSA, 2012, p. 254).

Essa mesma ocorrência é apresentada no conto “São Marcos”, quando a personagem Mangalô menciona três mandamentos do negro: “primeiro, todo negro é cachaceiro; segundo, todo negro é vagabundo; terceiro, todo negro é feiticeiro” (ROSA, 2012, p. 239). Nesses casos, observamos a presença de preconceito no uso do predicativo “preto” na fala de Manuel e as ideias de Mangalô, tomando o negro como um ser menor. Essa visão transmitida pelas personagens está ligada historicamente desde o século XVII com fatos como a caça de índios no território mineiro (pelos bandeirantes) e com a chegada de escravos negros (trazidos por pernambucanos e baianos) para a exploração de ouro e diamante em Minas Gerais. Cabe registrar ainda que no estado houve a presença forte dos quilombos e a luta contra o cativo³.

No conto “A hora e vez de Augusto Matraga” há personagens como Nhô Augusto (ou Augusto Matraga) e Joãozinho Bem Bem que revelam a presença de duas figuras no sertão mineiro: a do coronel sertanejo considerado o maior valentão do lugar, que briga com todo mundo e age com pura perversidade e a do jagunço mau e violento (CHIAPPINI; VEJMEKKA, 2012). Tem-se, nesse caso, a visibilidade da relação de poder que permeia a região, podendo perceber nesse viés “os traços locais da ligação entre pujança econômica, como força legitimadora das práticas arbitrárias, e pelo poder simbólico conferido aos seus detentores” (PELINSER, 2010, p. 104). Situações de relação de poder entre fazendeiros, universo dos vaqueiros, jagunços e cangaceiros cortam a vasta obra roseana edificando-se como especificidades, *regionalidades*.

³ Dados disponíveis em http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/mg/mg_historia.html.

Outro aspecto relevante é a presença constante da água ao longo das páginas de “Sagarana”: “riacho da fome” (p. 56); “rio das Velhas” (p. 164); “o Paraopeba – o rio amarelo de água chata” (p. 167); “os mangues da outra margem” (p. 208); “campos navegantes” (p. 231); “mato das Três Águas” (p. 236). Além do léxico toponímico, a água reveste-se muitas vezes de personagem, detentor dos sentimentos e anseios humanos:

[...] do rio das Velhas - lento, vago, mudável, saudoso, sempre nascente, ora estreito, ora largo, de água vermelha, com bancos de areia, com ilhas frondosas de mato, rio quase humano, - até ao Paraopeba – amplo, harmônico, impassível, seivoso, sem barrancas, sem rebordos, com praias luminosas de malacacheta e águas profundas que nunca dão vau (ROSA, 2012, p. 164).

Essa representatividade da água aparece também em outras narrativas de Guimarães Rosa, como no conto “A terceira margem do rio”, do livro “Primeiras histórias”, na forma de rio, constituindo-se como “um componente fundamental já que está sempre subentendida a sua presença, a sua imutabilidade... este fazer parte da vida das personagens” (PAPETTE, 2009, p. 328). As leituras realizadas até então mostram a água como elemento universal na obra roseana (cf. CHIAPPINI; VEJMEJKA). Contudo, defende-se aqui a ideia de que as águas que transbordam as páginas de “Sagarana” são conduzidas por contextos específicos: as “sedes” que se encontram as personalidades, vivências e traços dos sujeitos que vivem no sertão mineiro; constituindo-se também como marcas de *regionalidades*.

Na linha da crítica literária, autores como Coutinho (1998), Sodré (1995), Bosi (2006) e Rónai (2012) conduzem suas ideias de modo que se perceba a obra de Guimarães Rosa na perspectiva de um *regionalismo* original, aludindo à universalidade. Aspectos como adultério, amor, honra e perspicácia atravessam as narrativas de “Sagarana”, conforme alguns exemplos apresentados no esquema que segue:

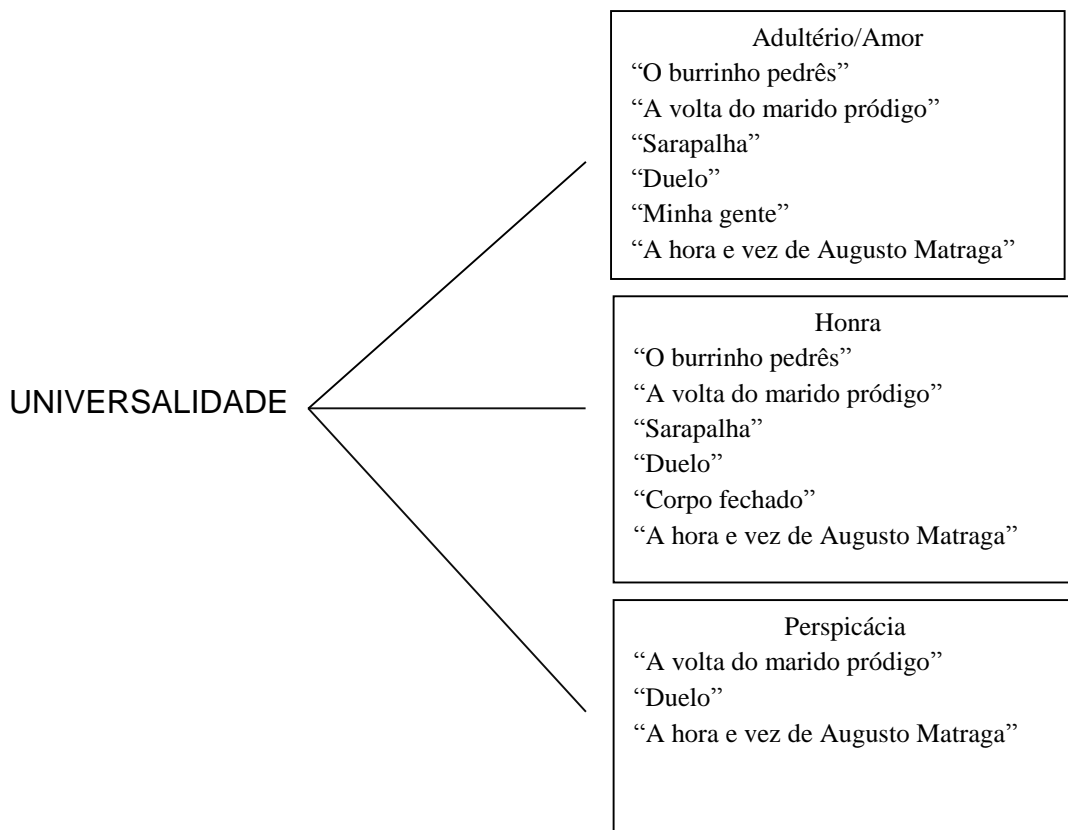


Figura 1: Universalidade em “Sagarana”.
Fonte: Elaboração do autor.

Características como a presença do amor e do adultério são perceptíveis na novela “Sarapalha”, em que Argemiro revela-se apaixonado pela esposa de seu primo, Luísa, e esta acaba fugindo com um boiadeiro. Instaura-se ainda nas narrativas a questão de buscar a “honra”, visto nas personagens Silvino (“O burrinho pedrês”), Ribeiro (“Sarapalha”), Turíbio e Cassiano (“Duelo”).

Em “A volta do marido pródigo” encontramos a figura de Lalino Salãthiel como uma personagem com grande perspicácia: “Mulatinho levado! Entendo um assim, por ser divertido (...) e não é de adulator, mais sei que não é covarde. Agrada a gente, porque é alegre e quer ver todo-o-mundo alegre, perto de si” (ROSA, 2012, p. 100). Com essa “esperteza”, consegue sobressair-se de todas as situações adversas ao longo de seu caminho: desde vender sua esposa (Ritinha), ir embora da cidade a voltar e reconquistar a confiança de todos, inclusive da amada. De acordo com as ideias de Chiappini:

O importante é ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como

concreto na generalidade daquele. Desse modo, as ‘peculiaridades regionais’ alcançam uma existência que as transcende (CHIAPPINI, 1995, p. 158).

Contempla-se que amor, adultério, honra e perspicácia estão aliados ao mundo rural mineiro, ao sertão, às personagens que se configuram como “pedaços” desse cenário, constituindo-se, portanto, também como marcas de *regionalidade* dentro de um conjunto de características como componentes “das dinâmicas concomitantes de globalização e fragmentação, em suas distintas combinações e intensidades” e, também “construída através da atuação de diferentes sujeitos sociais” (HAESBAERT, 2010, p. 07). Pelinser (2010) explica que:

Os feixes de relações regionais que sustentam a trama não impedem a visão dos aspectos de universalidade nela inseridos – ou seja, não produzem qualquer ultrapassagem do particular ao universal, porque não há ultrapassagem a ser feita. O particular – ou o regional, caso queiramos entendê-lo assim – não é inferior ou menor do que o universal, ele apenas deita raízes de representações específicas, localizadas (PELINSER, 2010, p. 118).

12

Observamos que o conjunto de linguagens, crenças, hábitos e costumes contribuem para “uma condensação de espaço cultural (mais de uma pode se sobrepor em um só local) usada por indivíduos como motivo para a construção de identidades regionais” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 40). Personagens como Lalino Salãthiel, Turíbio Todo, Cassiano Gomes, Manuel Fulô, Augusto Matraga e Joãozinho Bem Bem servem como representação da identidade regional do sertão mineiro descrito por Guimarães Rosa, uma vez que estão imersos em características que constroem algumas das especificidades de um local específico: o sertão mineiro. As regionalidades estão atreladas, conforme Haesbaert (2010), às vivências que são consolidadas em configurações simbólicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer a cultura o sujeito está imerso nela, como se fosse um jogo em que as cartas representam o jogador; dependendo do contexto, as cartas

mudam. Cada contexto, por sua vez, traz em si construtos que geram representações e dizeres diferentes, num processo em que “o homem é essencialmente um ser de cultura” (CUCHE, 2002 p. 9). O fato de estar vinculado a uma *região* implica em estar envolvido em características que constituem o ser *regional*, em universos em que aspectos culturais, hábitos, costumes, linguagens remontam *regionalidades*. Assim, “Sagarana” consagra-se como uma obra *regional*, posto que:

transborda as fronteiras do signo e inscreve espaços simbólicos. Afinal (...) passando pelas serras, avistando as boiadas, gente ruim e boa, as várias namoradas, viajamos por esse sertão que é dentro da gente, é do tamanho do mundo, tal qual a alma humana (PELINSER, 2010, p. 125).

Configuram-se, nesse viés, marcas de *regionalidade* que são visíveis à medida que se percebem especificidades do sertão mineiro. Em “Sagarana”, percebemos a terra como motivação para construir o tema da obra; mostrando, de modo realista e sem fazer juízo de valor, a vida nas cidades interioranas de Minas Gerais, o meio rural, o universo dos vaqueiros, jagunços, animais “humanizados” e muitos personagens que se debatem acerca de suas concepções e valores. Há, estampado em “Sagarana”, um vínculo afetivo entre autor e “chão” natal, sem enaltecer, mas apenas apresentar peculiaridades que correm, cortam e atravessam os cursos de águas daquele chão, do chão mineiro.

13

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARENDDT, João Claudio. *Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais*. Rua [online]. Unicamp, nº 18. Volume 2, 2012.
- _____. *Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais*. In: Pandaemonium Germanicum, nº 17, São Paulo, 2011.
- _____. *Do nacionalismo romântico à literatura regional: a região como pátria*. Revista da ANPOLL, vol. 1, Nº 28 (2010).
- BARCIA, Pedro Luis. Hacia um concepto de la literatura regional. In: CASTELLINO, Marta Elena; RIVERO, Gloria Videla de (orgs.). *Literatura de las regiones argentinas*. Mendoza: Universidad Nacional Del Cuyo, 2004, p. 25-45.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIAPPINI, Ligia; VEJMEKKA, Marcel (org). *Espaços e caminhos de Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Global, 1999.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

HAESBERT, Rogério. *Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas*. Antares (Letras e Humanidades). nº 3, jan/jul 2010, Caxias do Sul, p. 2-24.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. *A literarização da região e a reorganização da literatura*. Antares (Letras e Humanidades), nº 2, jul/dez 2009, Caxias do Sul, p. 27-60.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de João Guimarães Rosa*. São Paulo: 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

PELINSER, André Tessaro. *Do tamanho do mundo: Regionalidade e universalidade na obra Sagarana, de J. Guimarães Rosa*. Dissertação (mestrado em Letras, cultura e regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

POZENATO, José Clemente. *Algumas considerações sobre região e regionalidade*. In:____. *Processos Culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SANTOS, Rafael José dos. *Relatos de regionalidade: tessituras da cultura*. Antares – Letras e Humanidades. Caxias do Sul. N. 2, 2010. p. 5-26.

SODRE, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.